ISSN: 1809-6220

REVISTA IDEAU REVISTA DE EDUCAÇÃO

IDEAU

AS SOMBRAS DA EDUCAÇÃO: INVEJA E RESSENTIMENTO EM ESPINOSA E NIETZSCHE

THE SHADOWS OF EDUCATION: ENVY AND RESENTMENT IN SPINOZA AND NIETZSCHE

LAS SOMBRAS DE LA EDUCACIÓN: LA ENVIDIA Y EL RESENTIMIENTO EN ESPINOSA Y NIETZSCHE

Maria Caroline Belfante
Doutora em Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil.
E-mail: caroline.belfante@unesp.br

Viviane Mayumi Resende Uenaka[1]
Doutoranda em Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil.
E-mail: mayumi.resende@unesp.br

RESUMO
Este artigo aborda a inveja na filosofia de Espinosa e o ressentimento na filosofia de Nietzsche, buscando compreender como esses conceitos se constituem e quais implicações podem apresentar nas relações estabelecidas no campo educacional. A partir das contribuições desses dois filósofos, pretende-se refletir sobre a presença desses fenômenos nas relações humanas, especialmente em contextos nos quais a comparação, a disputa, o reconhecimento podem interferir na convivência e nos processos educativos. Busca-se, ainda, compreender de que maneira a inveja e o ressentimento podem afetar as relações entre os sujeitos, produzindo formas de afastamento, conflito e enfraquecimento das possibilidades de construção coletiva no espaço educacional.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Espinosa. Nietzsche. Inveja. Ressentimento.

ABSTRACT
This article examines envy in Espinosa's philosophy and resentment in Nietzsche's philosophy, seeking to understand how these concepts are constituted and what implications they may have for relationships established within the educational field. Drawing on the contributions of these two

DOI:10.55905/reiv6n2-012
Submitted on: 9.12. 2026| Accepted on: 9.22. 2026| Published on: 10.21.2026
[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

philosophers, it aims to reflect on the presence of these phenomena in human relationships, particularly in contexts where comparison, competition, and the pursuit of recognition may interfere with coexistence and educational processes. It also seeks to understand how envy and resentment can affect relationships between individuals, producing forms of distancing, conflict, and weakening of the possibilities for collective construction within the educational environment.

Keywords: Philosophy. Education. Espinosa. Nietzsche. Affects. Resentment.

RESUMEN
Este artículo aborda la envidia en la filosofía de Espinosa y el resentimiento en la filosofía de Nietzsche, con el objetivo de comprender cómo se constituyen estos conceptos y qué implicaciones pueden tener en las relaciones que se establecen en el ámbito educativo. A partir de las aportaciones de estos dos filósofos, se pretende reflexionar sobre la presencia de estos fenómenos en las relaciones humanas, especialmente en contextos en los que la comparación, la disputa y el reconocimiento pueden interferir en la convivencia y en los procesos educativos. Se busca, además, comprender de qué manera la envidia y el resentimiento pueden afectar a las relaciones entre los sujetos, generando formas de distanciamiento, conflicto y debilitamiento de las posibilidades de construcción colectiva en el ámbito educativo.

Palabras clave: Filosofía. Educación. Espinosa. Nietzsche. Envidia. Resentimiento.

1 INTRODUÇÃO

A educação constitui-se como um espaço de encontros, aprendizagens e formação humana, mas também de convivência entre sujeitos diferentes, com experiências, expectativas e modos distintos de compreender o mundo. Por isso, não está distante dos conflitos, das comparações, das disputas e dos afetos que fazem parte das relações humanas. Nesse contexto, a inveja e o ressentimento podem aparecer de maneira silenciosa, interferindo na forma como os sujeitos percebem a si mesmos e aos outros. Pensar esses fenômenos para além de uma simples compreensão moral permite questionar suas causas e seus efeitos, especialmente em situações marcadas pela comparação, pelo reconhecimento, e pela valorização. É nesse sentido que as reflexões de Espinosa sobre a inveja e de Nietzsche sobre o ressentimento tornam-se importantes para pensar o campo educacional. Em Espinosa, a inveja pode ser compreendida a partir de

ISSN: 1809-6220

sua teoria dos afetos e de sua relação com a potência de agir; em Nietzsche, o ressentimento envolve uma dinâmica própria, relacionada à impotência e à dificuldade de afirmação diante do outro. Embora sejam conceitos distintos e pertencentes a filosofias diferentes, aproximá-los possibilita refletir sobre os efeitos que determinadas formas de relação podem produzir na educação, sobretudo quando alimentam conflitos, afastamentos e enfraquecem as possibilidades de convivência e construção coletiva, trazendo à luz as sombras que permeiam as relações no espaço educacional.

2 A INVEJA COMO AFETO EM ESPINOSA

Para Espinosa, todas as coisas que acontecem no mundo, bem como tudo aquilo que envolve as pessoas e os demais seres que o constituem, faz parte da ordem natural. É a partir dessa compreensão que Espinosa se tornou conhecido como um filósofo naturalista, pois compreende os acontecimentos, inclusive as ações e os afetos humanos, como fenômenos que pertencem à própria natureza e devem ser compreendidos a partir de suas leis. É na sua *Ética* que essa compreensão da natureza encontra uma de suas principais expressões, pois nela Espinosa desenvolve sua concepção da realidade e demonstra que os acontecimentos, as ações e os afetos humanos estão submetidos à mesma ordem e necessidade que regem toda a natureza. Essa compreensão representa uma ruptura com a concepção tradicional de uma ordem natural fundada em uma hierarquia de seres e submetida a uma vontade divina transcendente. Como explica Chaui ((2008, p. 33-34):

> Eis a ruptura da filosofia de Espinosa com a imagem da ordem natural como hierarquia de seres segundo a inteligência, a vontade e a bondade divinas, graças à idéia da ordem como auto-ordenamento do que segue necessariamente das leis de uma essência e potência absolutamente infinitas. A ordem, entendida como mandamento transcendente, que pode ser rompida por alteração no decreto da vontade suprema, é subvertida pela idéia de ordem imanente necessária, que desvenda o irracional de toda contingência.

ISSN: 1809-6220

Para Espinosa, o ser humano é capaz de experimentar múltiplos afetos, todos eles pertencentes à ordem natural. Essa compreensão pode ser observada quando o filósofo afirma, no prefácio da parte III da *Ética*, que:

> Os afetos do ódio, da ira, da inveja, etc., considerados em si mesmos, seguem-se da mesma necessidade e da mesma virtude da natureza das quais se seguem as outras coisas singulares. Eles admitem, pois, causas precisas, que nos permitem compreendê-los, assim como possuem propriedades precisas, tão dignas de nosso conhecimento quanto as propriedades de todas as coisas cuja mera contemplação nos causa prazer. (Spinoza, 2019, p.98).

Entre esses afetos, a inveja, que será objeto de análise neste ensaio, merece especial atenção, uma vez que sua compreensão exige um aprofundamento acerca de sua natureza e de seus efeitos sobre a potência de agir, estando relacionada à diminuição dessa potência e podendo produzir consequências tanto no âmbito singular quanto no coletivo. Segundo o filósofo holandês, a inveja é um afeto que pertence à própria ordem natural e, portanto, não deve ser compreendida simplesmente a partir de uma perspectiva moral. Espinosa questiona a ideia de que os afetos humanos devam ser julgados como bons ou maus em si mesmos, buscando, antes, compreender suas causas e seus efeitos sobre a vida humana. Nesse sentido, sentimentos como culpa, recompensa e punição, quando associados a uma moralidade fundada em valores transcendentes, podem contribuir para limitar a potência de agir dos indivíduos. Em lugar de condenar moralmente os afetos, Espinosa procura compreendê-los em sua necessidade e em sua relação com a natureza, mostrando como determinadas formas de compreensão podem favorecer ou enfraquecer a potência de agir. Dessa forma, a inveja não deve ser compreendida como um simples “defeito” moral do indivíduo, mas analisada no contexto da teoria dos afetos elaborada por Espinosa, na qual se relaciona às dinâmicas do desejo, da alegria e da tristeza.

Ainda na III parte da *Ética*, Espinosa explica os afetos a partir da maneira como corpo e mente são afetados simultaneamente, considerando a relação entre ambos por meio do que muitos comentadores denominam teoria do paralelismo. A todo momento, os seres humanos estão envolvidos em encontros,

sendo constantemente afetados e também afetando aquilo que os rodeia. A partir desses encontros, nossa potência de agir pode aumentar, diminuir ou ser refreada. “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (Spinoza, 2019, p.98). Ele diz ainda que: “quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão.” (Spinoza, 2019, p.98). É nesse movimento que os afetos primários, como a alegria, a tristeza e o desejo, assumem um papel central, pois estão diretamente relacionados às variações de nossa potência de agir. Quanto maior é a nossa alegria, maior se torna a nossa potência de agir, quanto mais somos tomados pela tristeza, mais nossa potência diminui e mais impotentes nos tornamos.

Importante ressaltar que, para Espinosa, a distinção entre ação e paixão está relacionada à maneira como somos afetados e ao grau de participação que temos como causa desses afetos. Quando somos capazes de compreender e produzir adequadamente uma afecção, tornando-nos causa adequada daquilo que acontece em nós, estamos diante de uma ação. Por outro lado, quando aquilo que sentimos é determinado principalmente por causas externas, das quais não temos compreensão adequada, experimentamos uma paixão. Nesse sentido, a paixão não deve ser entendida simplesmente como algo negativo ou como uma fraqueza moral, mas como uma condição na qual nossa potência de agir é determinada, em maior medida, por causas externas. A ação, por sua vez, está relacionada à capacidade de compreender as causas que nos afetam e de agir a partir de nossa própria natureza, ampliando nossa autonomia e nossa potência de agir. Nesse passo, a inveja pode, assim, ser compreendida no campo das paixões, uma vez que envolve uma afecção cuja causa não está inteiramente sob o domínio do indivíduo, mas se relaciona àquilo que ele imagina ou percebe no outro. Compreender a inveja, portanto, exige investigar como os encontros com os outros podem modificar nossa potência de agir e produzir afetos de alegria ou tristeza.

Na perspectiva de Espinosa, a inveja está profundamente relacionada à maneira como somos afetados nas relações com os outros, constituindo-se

ISSN: 1809-6220

como um jogo de comparação que pode ser desfavorável à nossa potência de agir. É como se estivéssemos diante de uma sombra, cuja dificuldade de agir e, sobretudo, de compreender a nossa própria natureza e afetos, nos impedisse de enxergar a vida e as relações com maior clareza. Por estar relacionada à tristeza, a inveja tende a diminuir nossa potência de agir e pode afetar a maneira como percebemos aqueles que estão ao nosso redor, tornando o outro, muitas vezes, alguém cuja presença nos incomoda. Ela pode surgir quando comparamos nossa própria condição àquilo que percebemos no outro, especialmente quando imaginamos que ele possui algo que desejamos ou alcançou uma condição que gostaríamos de alcançar. Essa comparação pode produzir tristeza diante da alegria ou da vantagem alheia, fazendo com que o bem do outro seja percebido não como algo indiferente, mas como aquilo que parece diminuir nossa própria potência. Assim, a inveja não nasce apenas daquilo que o outro possui, mas também da maneira como o imaginamos e de como nos posicionamos diante dele. Spinoza (2019, p.145) define a inveja da seguinte forma: “A inveja é o ódio à medida que afeta o homem de tal maneira que ele se entristece com a felicidade de um outro e, contrariamente, se enche de gáudio com o mal de um outro”. Nessa definição, Espinosa evidencia o caráter destrutivo da inveja nas relações humanas, pois transforma a alegria do outro em motivo de tristeza e o sofrimento alheio em fonte de satisfação. Quando esse afeto se manifesta socialmente, pode alimentar disputas, afastamentos, e a dificuldade de reconhecer o crescimento e a realização dos outros. No campo educacional, pode enfraquecer a cooperação, estimular comparações e competições excessivas e dificultar a construção de um ambiente baseado no reconhecimento mútuo e na convivência. Assim, em certo sentido, a inveja pode ser compreendida como um ‘câncer’ social, capaz de se irradiar pelos diferentes âmbitos da vida e afetar as relações entre os indivíduos.

Na proposição 24 da parte III da *Ética*, Spinoza (2019, p.115) aduz: “Se imaginarmos que alguém afeta de alegria uma coisa que odiamos, seremos igualmente afetados de ódio para com ele. Se, contrariamente, imaginamos que a afeta de tristeza, seremos afetados de amor para com ele.” No escólio desta proposição, Spinoza (2019, p.115) afirma: “Esses afetos de ódio e outros

ISSN: 1809-6220

similares estão relacionados à inveja, que não é, assim, nada mais do que o próprio ódio, enquanto considerado como dispondo o homem a se encher de gáudio com o mal de um outro e, contrariamente, a se entristecer com o seu bem". Dessa forma, é possível analisar alguns movimentos que o pensador traz à discussão para tratar da inveja. Primeiramente, ao observarmos a proposição 24, percebemos a importância da imaginação e da relação com o outro na constituição dos afetos. Quando Espinosa afirma "se imaginarmos", evidencia que não é necessário que o acontecimento esteja diretamente presente ou que tenhamos conhecimento adequado de suas causas para que sejamos afetados por ele, basta que o imaginemos de determinada maneira. Nesse sentido, a inveja pode ser compreendida a partir de uma dinâmica de imitação afetiva, na qual somos levados a experimentar afetos semelhantes ou contrários aos que imaginamos no outro. A alegria ou a tristeza alheia, portanto, pode repercutir em nós e modificar nossa própria disposição afetiva. É nesse movimento que a relação com o outro se torna fundamental para compreender a inveja, pois aquilo que imaginamos sobre sua felicidade ou seu sofrimento pode produzir em nós diferentes afetos e, consequentemente, modificar nossa potência de agir. A inveja, portanto, não é apenas um afeto dirigido ao outro, ela é produzida na própria relação afetiva com o outro. Já no escólio da proposição 24, podemos perceber que a inveja está profundamente relacionada ao afeto de ódio. Mais do que estabelecer apenas uma relação entre ambos, Espinosa afirma que a inveja é o próprio ódio, quando este dispõe o indivíduo a entristecer-se diante do bem de outro e, inversamente, a alegrar-se diante de seu mal. Dessa forma, a inveja revela uma dinâmica afetiva na qual a felicidade alheia é experimentada como causa de tristeza, enquanto o sofrimento do outro pode produzir alegria naquele que inveja.

Ao mirarmos na educação, a inveja pode aparecer de formas muito mais sutis do que uma simples demonstração de hostilidade. Ela pode surgir quando o desempenho, o reconhecimento, a aprovação ou as oportunidades concedidas a um estudante, professor ou colega passam a ser percebidos como uma ameaça à própria valorização. O sucesso do outro, em vez de ser compreendido como algo que pode favorecer o coletivo, pode despertar incômodo, comparação

e tristeza. Em alguns casos, isso pode se manifestar por meio da desvalorização do trabalho alheio, da resistência em reconhecer conquistas, de comentários depreciativos ou até da satisfação diante de um fracasso. Assim, a inveja pode atravessar silenciosamente as relações educacionais, transformando um espaço que poderia favorecer a cooperação em um ambiente marcado pela competição e pela necessidade constante de comparação. Para Espinosa, o problema não está apenas no comportamento exterior, mas naquilo que esse afeto produz na potência de agir. Quando a alegria do outro se converte em nossa tristeza, a relação deixa de ser um encontro capaz de ampliar nossas possibilidades e passa a ser vivida como ameaça. É nesse sentido que a inveja pode se tornar uma das sombras que atravessam a educação: ela não apenas afeta aquele que inveja, mas também pode atingir a convivência, enfraquecendo vínculos, dificultando o reconhecimento mútuo e impedindo que a conquista de um seja percebida como possibilidade de crescimento para muitos. Assim, a inveja não prejudica apenas o próprio indivíduo, diminuindo a sua potência, mas também pode afetar aqueles que estão ao seu redor, diminuindo a potência coletiva.

Nas definições da parte III da *Ética*, Spinoza (2019, p.143) diz que “o ódio é uma tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior”. E a tristeza “é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor” (Spinoza,2019, p.141). A alegria espinosana é o oposto da tristeza, e o desejo é definido como a própria essência do homem. “O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira”. (Spinoza,2019, p.140). Desse modo, a partir dessas definições, reforçamos que é possível compreender a inveja como um afeto que se constitui na relação com aquilo que acontece ao outro e nos efeitos que essa relação produz em nós. Ao associá-la à tristeza e ao ódio, Espinosa permite perceber que o sofrimento provocado pela alegria alheia não está propriamente no outro, mas na maneira como somos afetados e naquilo que imaginamos diante de sua felicidade. Nesse movimento, o desejo, enquanto expressão da própria essência humana, pode ser atravessado pela comparação, fazendo com que a conquista alheia seja percebida como uma diminuição de nossa própria potência. A inveja, portanto, revela não apenas uma

ISSN: 1809-6220

dificuldade em lidar com o bem do outro, mas também uma relação enfraquecida do indivíduo consigo mesmo e com sua própria capacidade de agir. Se nos voltarmos para a educação, podemos perceber essa dinâmica em situações cotidianas. Um estudante pode, por exemplo, evitar ajudar um colega ao perceber que ele poderá alcançar um resultado semelhante ou até superior ao seu. Da mesma maneira, entre professores, a circulação de pensamentos, projetos e formas de reconhecimento pode ser atravessada por disputas silenciosas. Nesses casos, a inveja deixa de ser uma experiência exclusivamente individual e passa a interferir na própria construção do conhecimento, pois aquilo que poderia ser compartilhado como possibilidade de crescimento coletivo transforma-se em algo que se deseja guardar para si. A educação, enquanto espaço de troca, cooperação e ampliação das possibilidades de cada sujeito, pode ser enfraquecida quando o êxito do outro é percebido como uma ameaça à própria realização. Assim, é possível aproximar o pensamento de Espinosa da educação, mesmo que o filósofo não tenha elaborado uma teoria educacional, encontrando em sua reflexão sobre os afetos elementos para pensar as relações que atravessam o espaço educativo.

Os homens podem, segundo Espinosa, tornar-se nocivos uns aos outros quando são conduzidos por afetos que diminuem sua potência de agir. Nesse sentido, o pensador se refere à tristeza e aos afetos que dela derivam. Essa dinâmica aparece não apenas na *Ética*, mas também no *Tratado Político*, como veremos adiante. A disputa por bens incertos, como honras e riquezas (os quais são mencionados no *Tratado da emenda do intecto*), o desejo de conservação e a competição podem levar os indivíduos a agir uns contra os outros, sobretudo quando são conduzidos pelas paixões e não por uma compreensão adequada das causas que os afetam. Nesse sentido, mesmo quando agem de maneira equivocada, podem acreditar estar buscando aquilo que consideram melhor para si, sem perceber que determinadas paixões, como a inveja, podem produzir efeitos contrários à própria potência de agir e à convivência com os demais.

> A naturalidade da paixão, porém, não significa que seus efeitos sejam necessariamente positivos. Pelo contrário. Espinosa demonstra que, na maioria das vezes, a paixão aumenta imaginariamente a

ISSN: 1809-6220

> intensidade do *conatus* e a diminui realmente. O aumento imaginário da força para existir e sua diminuição real é a servidão humana. (Chaui, 2011, p.90)

No escólio da proposição 32, Spinoza (2019, p. 120) diz:

> Vemos, assim, como a natureza dos homens está, em geral, disposta de tal maneira que eles têm comiseração pelos que vão mal; e inveja pelos que vão bem, com um ódio que será tanto maior quando mais amarem a coisa que imaginam ser objeto de desfrute de um outro. Vemos, além disso, que da mesma propriedade da natureza humana, da qual se segue que os homens são misericordiosos, segue-se também que eles são invejosos e ambiciosos.

Com isso, quanto maior for o apego ao objeto desejado, maior pode ser também o incômodo diante daquele que o possui. Assim, Espinosa evidencia que a relação com o outro participa diretamente da constituição de nossos afetos e de nossas ações. Essa mesma perspectiva aparece no *Tratado Político*.

> Quanto mais os homens se debatem com a ira, a inveja ou algum afeto de ódio, mais se deixam arrastar de um lado para o outro e estão uns contra os outros, pelo que são tantos mais de temer quanto mais podem e quanto mais hábeis e astutos são que os restantes animais. E uma vez que os homens estão a maior parte do tempo sujeitos por natureza a tais afetos, os homens são por natureza inimigos. (Espinosa, 2009, p. 18-19).

De acordo com o excerto acima, Espinosa amplia essa compreensão ao mostrar que afetos como a ira, a inveja e o ódio podem conduzir os homens à oposição e à instabilidade nas relações com os outros. Quando submetidos a esses afetos, os indivíduos tornam-se mais suscetíveis a agir de acordo com aquilo que os afeta momentaneamente, deixando-se “arrastar de um lado para o outro”. A inveja, nesse contexto, não se restringe ao desejo pelo que pertence ao outro, mas constitui uma força capaz de produzir hostilidade e conflito, sobretudo quando o indivíduo percebe no outro aquilo que deseja para si. Assim, as relações humanas são atravessadas por forças que podem tanto aproximar quanto colocar os indivíduos em oposição, fazendo da inveja um elemento importante para compreender a fragilidade dos vínculos humanos e os conflitos que emergem da vida em comum. Outro ponto importante é que Espinosa nos

ensina que os homens vivem também segundo mecanismos de imitação afetiva, o que torna a questão da inveja especialmente relevante, uma vez que esse afeto não contribui para o aumento da potência de agir. Por sermos afetados continuamente pelos outros e pelas relações que estabelecemos em sociedade, podemos tanto reproduzir quanto despertar determinados afetos, fazendo com que a inveja se propague nas relações humanas. Nesse sentido, é preocupante pensar uma sociedade constituída por diferentes segmentos e relações sociais na qual os indivíduos, submetidos à comparação e à imitação dos afetos, acabam por reproduzir afetos que diminuem sua própria potência e a potência daqueles com quem convivem. Embora a inveja seja um afeto que pertence à natureza humana, Espinosa evidencia seus efeitos nocivos ao mostrar que ela pode conduzir os homens à oposição, à hostilidade, ao ressentimento e ao conflito. Assim, compreender a inveja a partir da imitação afetiva permite perceber que esse afeto não se limita à experiência individual, mas pode circular e se fortalecer nas relações, tornando-se um elemento destrutivo da convivência e da vida em comum. Talvez uma das perguntas que mais nos intrigue seja: como ‘vencer’ a inveja, se não se trata de eliminá-la, mas de compreendê-la e transformar nossa relação com o outro?

A própria teoria dos afetos de Espinosa e sua proposta ética oferecem elementos para iluminar a essa questão: não se trata de simplesmente eliminar ou negar a inveja, mas de compreender suas causas e buscar transformar a maneira como somos afetados, passando da passividade à atividade e, consequentemente, de uma menor para uma maior potência de agir. Assim, a reflexão, ao nos permitir interiorizar e discernir as causas reais de nossas paixões, possibilita romper com o estado sombrio da inveja e nos conduz, gradualmente, da passividade à liberdade. Pensar tudo isso no âmbito da educação significa reconhecer que ‘enfrentar’ a inveja exige mais do que condená-la: é preciso compreender os afetos que a alimentam. Ao favorecer a compreensão dos próprios afetos, a educação pode contribuir para que a relação com o outro deixe de ser marcada pela comparação, pela inveja, pelo ressentimento, e pela rivalidade, tornando-se uma possibilidade de composição e cooperação. É justamente nesse sentido que a reflexão não deve ser

ISSN: 1809-6220

compreendida como uma tentativa de combater os afetos, mas como um movimento de compreensão capaz de transformar nossa maneira de ser afetados. Chaui (2011, p.99) diz:

> A possibilidade da ação reflexiva da mente encontra-se, portanto, na estrutura da própria afetividade: é o desejo da alegria que a impulsiona rumo ao conhecimento e a à ação. Pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles. A essência da mente, escreve Espinosa, é o conhecimento, e quanto mais conhece, mais realiza sua essência ou sua virtude.

Desse modo, uma possível superação da inveja não se dá pela negação do afeto, mas pela compreensão que nos permite produzir outras formas de relação, orientadas pela alegria, pelo conhecimento e pelo aumento da potência de agir. Por fim, é importante destacar que, para Espinosa, a virtude/potência não está fora de nós, mas se constitui em nós mesmos.

3 O RESSENTIMENTO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Nietzsche em a *Genealogia da Moral*, visa compreender as origens da moral na sociedade. Esse conhecimento será importante também para questionar os valores sociais e entender mais a complexidade das relações humanas. Seus estudos o levam a concluir que a verdade, assim como os valores, são apenas criações humanas e não conceitos superiores e sagrados. O bem e o mal, assim como o conceito de verdade, são determinados segundo os interesses dos homens. A moral é na verdade uma imposição dos mais fracos sobre os mais fortes. Nietzsche nos mostra a importância de não aceitar previamente aquilo que nos foi imposto sem antes questionar, analisar e refletir sobre sua validade e autenticidade.

Após seus estudos sobre a formação das regras e valores morais, o filósofo conclui que os conceitos de bom e mau são definidos de acordo com as consequências positivas ou negativas que terá na vida dos homens. A moral nada mais é do que uma imposição dos mais fracos sobre os mais fortes, de forma que “sendo as noções de bom e maus funcionam como uma vingança

ISSN: 1809-6220

espiritual contra os mais fortes, operando como recurso de domesticação dos homens" (Sparembberger, 2021, p. 202). Assim, a moral é construída baseada no ressentimento, na necessidade de ver o outro em uma situação desagradável, ruim, nunca melhor que a sua própria. A origem desse sentimento provém de uma incapacidade de lidar com conflitos e questões internas, assim o ressentido fica a remoer, sentir novamente as mesmas coisas ruins que não foi capaz de tratar em seu íntimo.

Nietzsche irá considerar que existem dois tipos de valores: os valores superiores, que são aqueles que elevam a potência do ser, que afirmam a existência como máxima; e os valores decadentes ou baixos, que são aqueles presentes em pessoas que odeiam a vida e têm baixa potência em relação à própria existência. Os ressentidos costumam sempre estar presentes nos indivíduos com valores decadentes, uma vez que costumam ser infelizes, incapazes de crescimento, invejosos. Desta forma, uma vez que eles se veem impossibilitados de desenvolver-se, devido as limitações autoimpostas, também desejam que ninguém prospere e nem obtenha sucesso ou coisas boas. O ressentido é incapaz de superar suas dificuldades, seus conflitos internos:

> O termo 'ressentimento' corresponde, assim, já no interior da filosofia de Nietzsche, a um problema fisiológico, à falta de forças de um organismo cansado para reagir frente às intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins que produz, apresentando, ora pela fraqueza que gera tais sentimentos, ora pela presença deles, uma desordem psíquica que o impede de viver efetivamente o presente. Nesse organismo, a percepção da própria fraqueza e o sentimento de frustração que se segue a obstrução da ação gera um rancor, uma vontade de ferir e produzir sofrimento naquele que o destratou. Toma posse dele uma sede de efetuar aquela vingança que sua fraqueza não permite realizar (Paschoal apud Sparembberger, 2021, p. 202-203).

O ressentido é fraco, pouco ativo perante sua própria existência. Sente-se impotente e deseja ver nos outros essa mesma impotência que encontra em si. Ele é vingativo, a felicidade e o sucesso são prêmios que ele não deseja a ninguém já que ele próprio não consegue os obter.

A moral dos mais fracos também chamada de moral de rebanho ou moral dos escravos, é justamente a moral criada pelos ressentidos, pelas pessoas de

ISSN: 1809-6220

valores decadentes. Essa imposição moral, de valores e de religiões é a forma como os mais fracos encontram de dominar os mais fortes, ou seja, aqueles que possuem valores superiores. Eles sentem a necessidade de impor o seu modo de ser ressentido a todos, este é o seu triunfo, pois somente em uma sociedade ressentida, o ressentido consegue “progredir”.

Essa limitação que os ressentidos impõem aos mais fortes é a sua vingança, ela costuma estar disfarçada de igualdade. Para Nietzsche a igualdade é ilusão, vendida como um “bom valor”. As pessoas e as condições que as envolvem são naturalmente distintas e pregar um falso ideal de igualdade, fará com que as pessoas se tornem ainda mais ressentidas com um sistema que não permite que isso seja de fato colocado em prática.

O ressentido não visa o autoconhecimento e o autodesenvolvimento do seu ser, pelo contrário, ele é um ser estagnado e mal resolvido consigo próprio. Porém, ele parece ter certa consciência de sua pequenez:

> (...) esse homem tem, no fundo, vergonha de sua existência – talvez, ainda por cima, albergue alguns pequenos vícios – e que, por outro lado, não pode impedir de se corromper cada vez mais, de se tornar sempre mais vaidoso e irritadiço em virtude de leituras a que não tem direito, ou a uma sociedade demasiado intelectual para seu estômago: esse homem, envenenado até a medula – porque para um malogrado dessa natureza o espírito se torna veneno, a cultura se torna veneno, a propriedade se torna veneno, a solidão se torna veneno – acaba por cair num estado habitual de vingança, de vontade de vingança (...) (Nietzsche apud Sparembberger, 2021, p. 203).

Envenenado por seus próprios sentimentos ruins e sua sede de vingança, ele é incapaz de valorizar a existência, de sentir-se bem no mundo. Sua vingança é envenenar os outros para que ninguém consiga se superar. O ressentido é uma pessoa adoecida mentalmente. E a moral ressentida, ou a moral dos escravos, é a forma como os mais fracos irão impor aos mais fortes valores decadentes. Nietzsche chamava essa vingança moral dos ressentidos de rebelião escrava da moral. Os mais fortes buscam justamente o contrário dos ressentidos: eles visam a superação constante de si, exaltam a vida e os valores terrenos, têm uma grande potência de ascensão.

ISSN: 1809-6220

Uma vez que os ressentidos são incapazes de lidar com seus próprios sentimentos, acabam voltando todas essas emoções conflitantes e explosivas para fora. A forma realmente eficaz de lidar com essas questões seria voltar-se para dentro de si, buscando refletir e compreender esse padrão de comportamento, visando assim a sua superação.

Os conceitos de bom e mau também provém de uma inversão de valores: aquilo que é verdadeiramente elevado e nobre é considerado mau, enquanto o que é ressentido e decadente é considerado bom. A moral dos ressentidos foi criada e é mantida por eles. Na sociedade é valorizado aquele que aprende melhor as regras sociais e que melhor consegue existir dentro delas, ou seja, que seguem sem questionar aquilo que é imposto. Quando Nietzsche fala sobre todos sermos naturalmente diferentes, ele está falando de uma diferença de estrutura psíquica. O filósofo valoriza a diferença e que cada ser seja capaz de construir o seu próprio caminho com autonomia. O ser humano é um animal que experimenta diversos sentimentos, ser uma pessoa elevada não é nunca ser acometido pelo ressentimento, mas como lidar com ele, quais pensamentos e ações seguirão a partir daí. A pessoa de valores superiores é capaz de ir além de seus sentimentos negativos, de não se perder diante de tais obstáculos.

Nietzsche faz uma outra diferenciação entre os tipos humanos: o espírito livre e o espírito cativo. O espírito cativo é aquele que segue a moral de rebanho e os valores sociais impostos sem questionar. O espírito livre, por outro lado, é capaz de romper com a tradição e com as mais diversas imposições, ele é crítico e possui autonomia em seu pensar. O espírito cativo é aquele que se entrega ao ressentimento, que se vê paralisado diante dos sentimentos e estes acabam o acorrentando em um estado de impotência e desejo de vingança. Já o espírito livre tem potência de vida, não se deixa limitar pelos seus sentimentos, ele é capaz de superar-se. A moral de rebanho é uma criação dos espíritos cativos e é a forma que eles encontraram de dominar os espíritos livres. Quando os espíritos livres têm de se curvar as normas sociais, aos valores vigentes, a uma junção de regras que diminuem e enfraquecem o seu ser, eles se sentem desmotivados, deslocados, incompreendidos e até mesmo culpados. Porém é preciso que eles saibam se colocar diante dessas adversidades, pois se

deixarem tomar-se por sentimentos ruins, passam a serem envenenados pelo ressentimento.

No livro *Genealogia da Moral,* Nietzsche irá investigar mais a fundo a forma como o conceito de ressentimento era adotado em sua época. Criado por Eugen Dühring, a ideia do ressentimento era muito próxima à ideia de vingança. Inspirado nas descobertas físicas mais próximas de sua época, acreditava que toda ação tinha uma reação e isso era estendido também ao campo moral e social. Sempre que alguém se sentisse de alguma forma lesado, queria que a lei o amparasse para que quem lhe causou isso também sofresse algo negativo. Houve uma naturalização da vingança que acabou se tornando um meio de atingir um equilíbrio social.

Porém, Nietzsche sentiu a necessidade ir mais a fundo na investigação desse conceito e buscou compreender as questões físico-patológicas que permeavam o sentimento do ressentimento. O termo “ressentiment” está presente na literatura francesa a partir do século XVI. Nos primórdios, ele retratava apenas uma modalidade neutra de ressentir sentimentos, ou seja, uma sensação com duração maior, com uma intensidade considerável, mas que pode ser boa ou ruim. Depois, o conceito foi absorvido pelos alemães e manteve parte de seu sentido, referindo-se a um afeto persistente e duradouro. Nietzsche ao utilizar o conceito em sua filosofia o relaciona com sentimentos negativos, pois considera que eles possuem maior capacidade de gerar mais impacto e tornar-se mais duradouro que os sentimentos bons.

À luz dos saberes de Nietzsche, é possível problematizar educação na atualidade, pois ela é marcada pelo ressentimento, pela moral de rebanho e pelo espírito cativo. Nas escolas, esses valores decadentes encontram um espaço onde podem ser reproduzidos e incentivados, através da defesa de uma educação que privilegia a adaptação, a submissão, uniformização, as diversas formas de contenção do ser, em detrimento do desenvolvimento da autonomia, da reflexão e da criação de si.

Uma sociedade moralmente fragilizada cria e educa as crianças e jovens de modo a perpetuar seus valores. Ao invés de instigar o aprendizado ao novo, o questionamento e a reflexão, temos uma sociedade que se preocupa em

conservar seus valores. É o espírito cativo sendo ensinado como forma de obediência, de boa conduta social. Não estamos aqui defendendo o mau comportamento ou o desrespeito, o problema se torna quando só é considerado como bom, aquilo que condiz com os valores vigentes, quando qualquer tipo de diferença no modo de ser ou pensar é punido, visando com que todos se desenvolvam da mesma forma. As singularidades devem ser respeitadas e acolhidas. Nas instituições de ensino há uma padronização perante os currículos, as avaliações, as formas de aprender e ensinar, as métricas de ensino e os resultados que são cobrados tanto dos educadores quanto dos aducandos. Tudo isso visa encaixar as pessoas em um padrão pré-estabelecido, em colocá-las em um mesmo nível, como se todos fossem iguais. A moral de rebanho se impõe para a homogeinização das pessoas dentro de uma instituição de ensino; a diferença e toda potência criadora passam a serem vistas como um defeito e não como algo natural. Desde cedo há uma domesticação do homem para a vida dentro de uma moral de rebanho.

A moral de rebanho se fortalece através da disseminação de uma forma de pensar, de uma cultura que valoriza a conformidade, a segurança, a resiliência, a adequação e a igualdade. O bom aluno torna-se aquele que é capaz de reproduzir tudo aquilo que aprende, principalmente nas avaliações, que é sempre obediente, quieto, adaptado e que não questiona para além do esperado.

Da mesma forma, o bom educador torna-se aquele capaz de ensinar aos alunos a reproduzirem, a tirarem boas notas dentro de um modelo específico de avaliação, aquele que tem “controle” sobre sua turma, que não questiona e reproduz os valores da escola, que cumpre com o currículo sem discutir e que “catequiza” os alunos a seguirem as normas da moral vigente. O professor tem sua importância diminuida, é desvalorizado e destituido do seu real papel de educar, acaba sendo oprimido por inúmeras cobranças e burocracias infundadas; para reafirmá-lo nessa posição inferior, há uma enorme falta de reconhecimento e precarização do seu trabalho. O sistema adoece o educador que pode tornar-se também um ressentido e reprodutor dessa moral escrava. Há a criação de um círculo do ressentimento que se propagada também dentro das instituições de ensino.

ISSN: 1809-6220

Essa situação de impotência na qual aqueles que vivem nas escolas são constantemente colocados pode acabar gerando e fortalecendo dentro deles o ressentimento. A escola acaba produzindo o ressentimento na medida em que limita constantemente os seres que vivem dentro dela de se desenvolverem livremente, de serem quem são ou quem desejam ser. Há ainda um sistema que alimenta uma competição constante, uma hierarquização, comparações, julgamentos e outros comportamentos que fortalecem e sustentam esse ressentimento. Quando há repetidas vivências de impotência dentro de uma estrutura e que o sujeito não se vê capaz de transformá-la, é possível originar-se daí uma frustração, um crescimento do ressentimento. Com isso, o sujeito tende a buscar responsáveis pelo seu mau-estar, ele traz para o externo aquilo com o qual ele não soube lidar. Busca-se por culpados pelo ressentimento e pela sensação de impotência. A partir do momento em que não consigo lidar com um forte sentimento, uma das tendências comuns é volta-lo para fora, de direcionar essa agressividade para um outro. Nas escolas isso pode ser aparecer por meio do bulling, de palavras e atos agressivos contra os colegas e professores, do desejo que o outro não seja tratado com empatia ou não seja inserido em um grupo.

Na atualidade vivemos um sistema que prega uma educação ressentida, bancária, que não visa tornar o humano um ser pensante, livre, emocionalmente saudável, capaz de superar os infortúnios da vida de forma sábia. A educação bancária, conceito trabalhado por Nietzsche na consideração extemporânea *Schopenhauer educador*, visa formar trabalhadores de forma rápida, para que possam se inserir no mercado de trabalho e se tornarem mão de obra boa e barata. É uma educação que não visa desenvolver o senso crítico e nem explorar as diversas faces de uma educação completa e harmônica.

A educação contemporânea cria espíritos cativos e não espíritos livres, pois é uma educação que fornece respostas prontas e determina a linha de pensamento a ser seguida até atingí-las. Ela desencoraja o erro, ele não é visto como algo natural e constituinte do processo, mas como algo que não deve acontecer. Porém, ao desencorajar o erro acaba-se por desencorajar a audácia,

ISSN: 1809-6220

a coragem de arriscar, de buscar e pensar de forma diferente. A cultura educacional valoriza a memorização e não a criação e a imaginação.

A obediência é transformada em virtude, demonstrando a inversão dos valores da moral de rebanho. O sujeito aprende desde pequeno não somente a obedecer, mas que obedecer sem questionar é algo bom, louvável. Logo, questionar, não se conformar, passa a ser visto como um desvio moral, ou seja, como algo ruim, desprezível. A contestação é tratada como uma forma de indisciplina, como um ato feio, que nunca será aplaudido.

A partir das relfexões trazidas precisamos questionar qual o verdadeiro papel da educação: criar seres autonomos, reflexivos e saudáveis ou espíritos cativos, uma mão de obra não questionadora e que apenas aceita e reproduz o que é imposto? A educação pode tanto ser capaz de produzir o espírito cativo, quanto o espírito livre, é ela a principal ferramenta de desenvolvimento dos seres humanos, pois é capaz de ensiná-los e encaminhá-los desde muito cedo. Uma educação libertadora e questionadora fortalece o humano, permite que ele seja capaz de superar-se em direção ao que há de mais elevado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando partimos do pressuposto de pensar questões educacionais a partir de Nietzsche e Espinosa é importante pensarmos em quais são os objetivos essenciais da educação. Nesse sentido, relações mais cooperativas no ambiente escolar podem favorecer encontros capazes de produzir afetos alegres, fortalecendo a potência de agir e contribuindo para que a inveja e o ressentimento não se tornem modos predominantes de relação. Neste trabalho, mostramos como a inveja e o ressentimento não se limitam a experiências de cunho particular, que acontecem na interioridade das pessoas, mas são afetos que perpassam as mais diversas relações humanas. Suas consequências são inúmeras e impactam diretamente na forma como as sociedades se organizam e constroem seus valores. Em Espinosa, a inveja é compreendida como um afeto triste, que se manifesta quando a alegria ou a felicidade de outro se torna causa de tristeza para aquele que inveja. Por estar relacionada à tristeza, a inveja

envolve uma diminuição da potência de agir e pode contribuir para relações marcadas pela oposição, pela hostilidade e pelo conflito. Compreender a inveja, portanto, implica compreender a dinâmica dos afetos e as relações pelas quais nossa potência de agir pode ser aumentada ou diminuída. Em Nietzsche, o ressentimento surge como um sintoma da sensação de impotência dentro do âmbito educacional, quando não é possível lidar e superar aquilo que se sente. Esse ressentimento acaba voltando-se negativamente para fora. Embora se constituam de maneiras distintas em cada filósofo, tanto a inveja quanto o ressentimento evidenciam modos de relação nos quais a potência de agir e a capacidade de afirmação podem ser enfraquecidas.

Quando a educação é pautada em competição, hierarquia, obediência e padronização, pode acabar minando as diferenças naturais, acabando com as singularidades, a força criadora e contestadora. As regras fazem parte do ambiente escolar, o problema é quando a finalidade do ambiente que deveria ensinar o desenvolvimento amplo e harmônico dos seres, passa a ser um instrumento de conversão de sujeitos sem potência afirmadora de vida, de modo a tornarem-se doutrinados para viver em uma moral de rebanho. Fraco, impotente diante da vida, ressentido e tomado pela inveja, o sujeito é inserido em um modo de viver que o ensina a resignar-se, odiar, obedecer e não questionar. A educação defendida aqui é, antes de tudo, uma educação que respeite as diferenças, os modos de pensar e de ser no mundo. Sob o ponto de vista de Nietzsche, é preciso compreender os afetos, sem torná-los um modo de moralizar ou controlar as pessoas. Em uma perspectiva espinosana, é preciso compreender os afetos a partir das causas que os determinam, sem reduzi-los a julgamentos morais, reconhecendo que somos continuamente afetados pelos encontros e pelas relações que estabelecemos. Nesse sentido, uma educação voltada à compreensão dos afetos pode favorecer o conhecimento das causas que os determinam e contribuir para que os indivíduos passem de uma condição de maior passividade para uma maior capacidade de agir. É importante compreender a complexidade da existência sem querer padronizá-la, classificá-la e hierarquizá-la. É preciso criar seres cheios de afetos potentes e alegres, capazes de afastar a inveja, superar a si mesmos e refletir sobre a sua

ISSN: 1809-6220

existência, de modo a tornar-se um espírito livre. Trata-se, portanto, de favorecer condições para que os indivíduos possam compreender os próprios afetos e estabelecer relações que favoreçam aqueles que aumentam sua potência de agir, possibilitando uma vida mais livre e menos submetida aos afetos tristes e decadentes.

ISSN: 1809-6220

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAUI, Marilena. **Spinoza: cuarto coloquio.** O fim da metafísica: Espinosa e a ontologia do necessário. Córdoba: Brujas, 2008.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Político.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal: prelúdio para uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. W. **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. W**. Schopenhauer como educador: considerações extemporâneas III**. Trad. Clademir Luís Araldi. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

SPAREMBERGER, C. O ressentimento na filosofia de Nietzsche. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v.1, n. 38, p. 199-211, 2021.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.